

Como Escrever um Texto Filosófico

Apêndice I do Livro - "Filosofia - textos fundamentais comentados"
de Laurence Bonjour e Ann Baker.

APÊNDICE I

A REDAÇÃO DE UM ENSAIO FILOSÓFICO

Muitos estudantes já terão escrito muitos ensaios de outros tipos, antes de escrever seu primeiro ensaio filosófico. Embora essa experiência anterior seja valiosa, pois deve ter produzido habilidades de escrita que são essenciais, é inadequada enquanto base para compreender os requisitos de um bom ensaio filosófico. A Filosofia é muito diferente da maioria das outras disciplinas, e a boa redação filosófica reflete essa diferença. Com frequência, alunos dizem que se tivessem sabido *antes* de escrever seu primeiro ensaio exatamente o que o professor estava buscando e como seu ensaio seria avaliado, teriam feito, afinal, um trabalho bem melhor. Aqui está a sua oportunidade de descobrir quais deveriam ser seus objetivos, antes de começar a escrever.

Quando lhe pedirem para escrever um ensaio filosófico, você já terá lido um pouco de filosofia, assistido a algumas conferências e participado de algumas discussões. Você terá iniciado a prática do "fazer filosófico" com tudo o que ele envolve: estabelecer distinções, esclarecer tanto os termos e conceitos, quanto o conjunto das reivindicações, argumentar a favor e contra essas assertivas, levar em consideração as objeções a tais argumentos, responder a tais objeções e assim por diante. Um bom ensaio filosófico envolve a expressão escrita de todas essas coisas. Volte ao ensaio introdutório sobre o pensamento filosófico no Capítulo 1 (p. 21-22) para lembrar-se da estrutura básica de uma questão filosófica e dos vários tipos de assertivas, argumentos e de outros elementos a ela atinentes.

PRIMEIRO: O QUE FAZ COM QUE UM ENSAIO FILOSÓFICO SEJA DIFERENTE?

Um ensaio filosófico é fundamentalmente uma defesa argumentativa de alguma alegação filosófica. A defesa consistirá, em primeiro lugar, da apresentação da linha principal de argumentação a favor da assertiva (a qual tipicamente envolve alguns argumentos subsidiários na defesa de assertivas intermediárias) e, em segundo lugar, levar em consideração e responder às objeções tanto à sua assertiva principal, quanto ao seu argumento. Uma consequência disso é que se você não compreendeu claramente o que é um argumento, você terá muita dificuldade para escrever um bom ensaio filosófico. Um bom ensaio filosófico é uma rica peça de **dialética** filosófica.

Um bom ensaio filosófico não é um mero relato de argumento de outrem, mesmo se esse outrem for René Descartes, Immanuel Kant, ou algum outro filósofo famoso, mas é, por outro lado, um argumento que você (o autor do ensaio) está defendendo por alguma alegação filosófica particular. Reflita com atenção sobre a diferença entre relatar o argumento de alguma outra pessoa e apresentar um argumento que seja seu próprio.

O seu ensaio filosófico deve refletir as categorias que são essenciais aos hábitos mentais filosóficos que você vem aprendendo à medida que lê este livro:

- asserções claramente expostas;
- linhas de argumentação irrefutáveis (incluindo pontos bem desenvolvidos que digam respeito tanto à defesa quanto à ilustração das premissas do argumento);
- objeções claras e cuidadosamente desenvolvidas salientando, possivelmente, falhas sérias nos argumentos;
- respostas que mostrem porque as objeções, embora inicialmente atrativas, não são em última análise convincentes (e pode, de fato, mostrar até mais claramente o quão persuasivo o argumento principal do ensaio realmente é)

Bons ensaios filosóficos têm um caráter que os distinguem, uma forma que lhes é específica. Embora compartilhem de muitos aspectos com ensaios de outras disciplinas, há alguns aspectos de um bom ensaio filosófico que nenhum outro tipo de ensaio possui. Por exemplo, embora todos os bons ensaios devam ser bem escritos, uma redação que seja clara e cuidadosa é especialmente importante em um ensaio filosófico, devido ao caráter sutil e abstrato do pensamento envolvido. Além disso, embora ensaios em muitas outras disciplinas envolvam argumentos no seu desenvolvimento, os ensaios filosóficos são quase exclusivamente argumentativos: o ponto principal, a própria essên-

cia de um ensaio filosófico é a argumentação a favor de uma assertiva. Pense a respeito da assertiva que se encontra no ensaio introdutório, que o estudo de filosofia é valioso. Nós *argumentamos* a favor daquela assertiva apresentando e defendendo razões para a assertiva, onde a verdade das razões alegadamente fez com que a verdade da assertiva fosse mais provável. Por outro lado, alguém poderia falar sobre o estudo de filosofia de um modo muito diferente, que não fosse, de modo algum, argumentativo, que nem sequer tentasse dar razões para pensar que a assertiva fosse verdadeira, mas que, ao invés disso, tivesse uma abordagem inteiramente diferente.

SEGUNDO: COMO PROCEDER PARA PRODUZIR UM BOM ENSAIO FILOSÓFICO?

A resposta simples é: leia, pense, escreva, revise, talvez leia novamente, ou leia um pouco mais, pense, escreva, revise, *ad infinitum* (ou até que atinja o prazo estabelecido!). A resposta mais complicada é a que vem a seguir.

Prática de redação anterior à tarefa dada

A redação filosófica é uma forma especialmente valiosa de pensamento filosófico e lhe proporciona uma prática em redação, mesmo antes de você trabalhar em um ensaio formal. Qualquer tipo de redação lhe obriga – mais do que qualquer outro tipo de atividade intelectual – a tornar-se mais claro quanto às suas idéias. Em particular, escrever filosofia é o modo mais ativo e exigente rumo ao engajamento filosófico. Você verificará que quando ouvir uma palestra sobre filosofia, normalmente terá condições de acompanhá-la, e caso tenha feito a leitura previamente, poderá até ser capaz de antecipar algumas das idéias e transições de pensamento. Algumas vezes, você deixará o auditório pensando que realmente entende uma questão, ponto de vista ou linha de pensamento. Um bom teste de sua compreensão é o de tentar fazer uma explicação oral para outra pessoa: algumas vezes você não será sequer capaz de fazer isso (o que sugere que você não a entendeu tão bem quanto pensava); no entanto, algumas vezes, mesmo que você seja capaz de explicá-la oralmente, você seria incapaz de escrevê-la de modo inteiramente claro e acurado. A boa formulação de uma idéia por meio da escrita requer um nível de compreensão e clareza mais elevado do que qualquer outra forma de pensamento ou expressão. Assim sendo, é valioso tentar formular as várias idéias e argumentos que você encontra na escrita, quer isso tome a forma de uma passagem longa ou de simples anotações e lembretes. Isso também lhe proporcionará uma valiosa prática em redação filosófica, mesmo antes que você seja solicitado a escrever um ensaio.

Pense e faça anotações sobre a tarefa

Quando você receber a tarefa de escrever um ensaio, seguidamente lhe serão dadas instruções específicas, que visam guiar seus processos de pensamentos na criação de seu ensaio – e, talvez, também um tópico específico ou escolha de tópicos. Caso sua tarefa inclua questões a serem respondidas em seu ensaio, então se certifique de havê-las respondido. Isso pode parecer óbvio, mas nossa experiência tem demonstrado que muitos alunos simplesmente iniciam sua redação e seguidamente terminam fugindo para suas próprias questões tangenciais, ao invés de seguir as orientações dadas para a tarefa.

Uma vez que você escolheu ou chegou a um tópico, você deve refletir sobre ele o mais profundamente que puder, tentando diferentes linhas de pensamento até encontrar aquela que lhe pareça ser a que será capaz de defender. (Neste momento, você ainda não tem a possibilidade de estar seguro.) Neste estágio, você deve fazer anotações, rascunhando os argumentos e objeções que poderia incluir em seu ensaio. Quanto mais claros forem seus pensamentos, melhor será o seu ensaio: idéias obscuras podem transformar bons escritores em maus escritores. À medida que você pensa a respeito de seu tópico e faz anotações, você pode ter necessidade de retornar à leitura, tendo em mente questões mais específicas. Textos filosóficos têm um tipo de profundidade que continua a recompensar o leitor: você o compreenderá cada vez mais quando o ler pela segunda e terceira vez, e ainda mais quando o abordar com questões específicas às quais deseja responder. Esse processo deveria produzir uma linha de argumentos que você possa defender em seu ensaio, incluindo possíveis objeções e respostas.

Faça o esboço do ensaio

Uma vez que você tenha toda a linha de argumentação bastante clara em sua mente, você deve criar um esboço para seu ensaio. Este pode adquirir muitas formas diferentes, mas a idéia principal é a de que ele deva estabelecer a *estrutura* de seu ensaio: isto inclui a listagem de seus componentes principais, a especificação da ordem na qual ocorrerão e o esclarecimento de como eles se relacionam entre si. O esboço incluirá a colocação de sua proposta principal ou tese, uma especificação de seus argumentos principais e uma listagem de outros problemas e objeções a serem consideradas. (Lembre-se de que a consideração de objeções é uma parte essencial de qualquer ensaio filosófico.) Obviamente, você necessita ver todo o formato do ensaio antes que possa começar a escrever o primeiro rascunho.

Uma das razões pela qual um esboço é importante é que ele pode auxiliar a evitar tropeços potenciais nos quais seguidamente caem aqueles alunos que estão escrevendo ensaios filosóficos pela primeira vez: deixar de antecipar um problema ou objeção que os obriguem a alterar substancialmente seu argumento principal, ou até mesmo mudar sua assertiva principal. Um aluno em grande desgraça é aquele que vem falar com seu professor no dia anterior à entrega do ensaio, em um estado de pânico, porque escreveu quase todo o ensaio e agora encontrou uma objeção que não foi prevista e não pode encontrar como respondê-la. Caso este aluno tivesse elaborado um esboço completo antes de escrever seu primeiro rascunho, ele poderia ter visto não possuir uma resposta a esta objeção – e, assim, poderia ter escolhido outro argumento principal ou até mesmo outra assertiva principal.

A elaboração de um bom esboço é grande parte do trabalho de escrever um ensaio filosófico. Há ainda trabalho importante a ser feito, mas que, em grande parte, consiste de refinamentos.

Escreva o primeiro rascunho

Agora você está pronto para escrever o primeiro rascunho. Trabalhando com base em seu esboço, escreva um rascunho completo de seu ensaio. É importante que isso seja feito com bastante antecedência para que tenha tempo suficiente para fazer a revisão: o primeiro rascunho de um ensaio filosófico raramente diz com exatidão aquilo que você está

tentando dizer e freqüentemente apresenta muitos problemas e deficiências de vários tipos, que necessitam correção.

Especialmente em seu primeiro rascunho, assegure-se de incluir muitos “sinalizadores” para auxiliá-lo a manter claramente em mente os modos segundo os quais os pontos que estão sendo levantados são relevantes para o argumento como um todo; alguns (mas não todos) desses podem ser apagados à medida que você revisa e dá acabamento ao ensaio. Por exemplo, no início do ensaio (provavelmente na primeira página) você deve colocar uma frase explicitando a principal assertiva do ensaio: “neste ensaio, argumentarei que não procede o argumento de Descartes na *Primeira Meditação*, que podemos duvidar de qualquer crença baseada na experiência”; ou “neste ensaio, argumentarei que estados mentais são distintos de estados físicos”; ou neste ensaio, defenderei a objeção de Hume à teoria do contrato social”. (É permitido – e eu penso até mesmo recomendado – escrever em primeira pessoa.) Uma clara postulação da assertiva principal do ensaio é um sinalizador muito importante (provavelmente o único de tanta importância). Você mencionará muitas outras assertivas filosóficas no ensaio as quais você não debaterá (pressupostos de base, ilustrações de pontos particulares, contrastes de assertivas que você não está debatendo, etc.), e você não deseja criar expectativas, em seu leitor, de que você defenderá todas elas.

Outro tipo de sinalizador, que, novamente, é mais bem expresso em primeira pessoa, é uma palavra ou frase que indica ao leitor o papel que uma assertiva ou passagem desempenha em relação ao argumento do ensaio como um todo. Por exemplo, “Explicarei o argumento de Descartes na *Primeira Meditação*, antes de criticar a premissa crucial” ou “embora esta passagem seja inicialmente plausível, mostrarei que ao fazer a distinção entre dois sentidos diferentes de “mental”, torna-se claro que aquele argumento está equivocado” ou “antes de defender a objeção de Hume, explicarei a importância da idéia de consentimento para a teoria do contrato social.”

Algumas vezes, sinalizadores são necessários para alertar o leitor de mudanças de perspectiva; por exemplo, “tenho argumentado que crenças introspectivas não estão sujeitas à dúvida com base na hipótese do sonho, mas podemos perguntar o que Descartes diria sobre uma assertiva como essa”, ou “a assertiva de Fodor, que explica como um estado físico afeta causalmente outro estado físico é o caso claro paradigmático da causalidade, mas argumentarei que tal pressuposto apresenta sérios problemas”.

Por alguma razão, os alunos quando estão escrevendo seus primeiros ensaios filosóficos têm freqüentemente tendência a usar a linguagem mais sofisticada possível. Isso é um sério engano. Você deve tentar usar uma linguagem que seja tão clara e direta quanto possível, em vista do que você está tentando dizer. Não vá pesquisar em um dicionário palavras que pareçam importantes. Simplesmente procure colocar tão clara e simplesmente quanto possível os pontos que deseja estabelecer para poder defender o seu argumento.

Você também deve evitar terminologia filosófica que seja obscura ou desnecessária – o que *não* quer dizer que a terminologia filosófica deva ser evitada. Alguns professores fazem isso dando diretivas aos alunos para escrever de um modo que seja acessível a um determinado público: por exemplo, um aluno de graduação que seja brilhante, mas não conhece filosofia. A idéia que está por traz deste conselho é a de que se você pensar no público de seu ensaio como sendo seu professor, então há uma grande tentação de pressupor um nível demasiadamente alto de compreensão prévia – tanto de terminologia, quanto de questões de base – e, assim, não explique adequadamente suas idéias e argumentos.

Revise (revise, revise)!

Uma vez que você tenha seu primeiro rascunho, coloque-o de lado e conceda-se um dia ou dois antes de voltar a olhá-lo novamente. Você necessita ler o rascunho com renovado vigor, como se estivesse lendo algo que alguma outra pessoa escreveu. Um dos problemas típicos, daqueles que se iniciam na prática de escrever, é pensar que você disse alguma coisa, que, de fato, você não logrou dizer – ao menos não com clareza. Infelizmente, muitos alunos terminam explicando ao seu professor, depois que o ensaio foi entregue e avaliado, o que eles tiveram a intenção de dizer, dando-se conta, no processo de que, aquilo que eles na realidade escreveram, não expressou o que pretendiam dizer. Você precisa revisar aquilo que realmente escreveu e não o que está em sua mente, posto que seu professor, certamente, não terá condições de ler sua mente, mas terá acesso tão somente ao seu ensaio.

Agora faça uma leitura completa do rascunho de seu ensaio, focando com o máximo cuidado naquilo que ele realmente diz. Pressupondo que seu rascunho está adequado, a primeira coisa que você deve procurar nesse primeiro estágio do processo de revisão é se você expressou com exatidão o conteúdo de seu rascunho. Algumas vezes no processo de redação do primeiro rascunho, você pode cair na tentação de explorar uma linha de pensamento que vem a ser uma tangente, que não está relacionada de modo relevante com a assertiva principal que você está defendendo. Em cada parágrafo, você deve se perguntar: qual é o ponto que estou levantando neste parágrafo, e como esse ponto enquadra-se no argumento geral do meu ensaio?

Uma vez que esteja convencido de que a linha de argumento que escolheu foi expressa com clareza e que não tem material algum que não seja pertinente, você pode tentar refinar a sua prosa. Olhando novamente cada um de seus parágrafos, pergunte-se se o ponto está claro e se cada uma das frases expressa de modo claro e sucinto exatamente o que você deseja dizer. Nesse estágio da revisão, é freqüentemente útil a leitura do ensaio em voz alta, quer para um amigo ou colega de quarto, ou simplesmente para você mesmo, prestando cuidadosa atenção a construções desajeitadas ou formulações obscuras. Isto funciona somente se você se concentrar em suas palavras e orações específicas, bem como frases, na medida em que você as lê, pensando novamente sobre o que o ensaio, como está escrito, realmente diz, em contrapartida com aquilo que teve a intenção de dizer.

Os bons ensaios filosóficos são, freqüentemente, revistos três ou quatro vezes. Repetindo, é muito raro que o primeiro rascunho de um ensaio diga o que você realmente quer dizer, ou estar tão bom quanto você o possa fazer – ou seu professor desejar.

TERCEIRO: COMO SEU ENSAIO SERÁ AVALIADO?

Como dissemos, a característica mais importante que um ensaio filosófico deve ter é a de ser uma *defesa arrazoada de uma assertiva filosófica*: você deve ter defendido um argumento a favor de alguma assertiva específica e razoavelmente clara. Seu professor não poderá dizer que você alcançou seu objetivo, a menos que a estrutura de seu ensaio seja clara. (Realmente, tal crédito não lhe será dado, a menos que a estrutura esteja clara.) Conseqüentemente, estruturas claras e bons argumentos realçam substancialmente a qualidade de um ensaio, enquanto estruturas obscuras e argumentos fracos o depreciam.

Como argumentamos no ensaio introdutório, no Capítulo 1, uma defesa forte de uma assertiva filosófica é aquela que

leva em consideração objeções e pontos de vista alternativos. Assim sendo, o ensaio que leva em consideração e responde a boas objeções será substancialmente mais forte do que aqueles que não conseguem fazer isso.

Obviamente, é muito difícil para seu professor dizer se você forneceu um bom argumento ou objeções refletidas, se o seu ensaio não for claro ou bem redigido. Jamais esqueça que seu professor tem acesso somente às palavras que se encontram na página, e não ao pensamento em sua cabeça.

Conseqüentemente, um bom ensaio, aquele que na avaliação merecerá um conceito elevado, é aquele que fornece uma defesa irrefutável para uma assertiva filosófica claramente exposta e redigida, na qual a irrefutabilidade da defesa da assertiva inclui a consideração das objeções e as respostas a estas. E um ensaio fraco é aquele que não consegue fazer uma ou mais destas coisas. Não há mistério em volta das condições que devem ser satisfeitas para que você consiga escrever um excelente ensaio filosófico, mas isso requer muito trabalho duro e pensamento cuidadoso – e tudo isso requer que se disponibilize o tempo necessário.

ALGUMAS PERGUNTAS FREQUENTES

Devo escrever sobre minhas próprias opiniões? Se “escrever sobre” quer dizer argumentar a favor de, ao invés de continuar escrevendo desconexamente sobre alguma coisa, e se “opinião” quer dizer uma crença bem elaborada e defendida, ao invés de qualquer coisa que lhe venha à mente no momento, então, sim. Você deve argumentar a favor de uma crença cuidadosamente escolhida, para a qual você pode construir uma irrefutável defesa. Você deve construir um caso para uma assertiva, cujo ponto você possa ver. Talvez a próxima pergunta expresse melhor esta preocupação.

Devo argumentar somente a favor de assertivas nas quais realmente acredito? Algumas vezes os alunos são desaconselhados a argumentar a favor de uma crença fortemente enraizada, porque algumas vezes têm dificuldades em ver a necessidade de qualquer razão, e certamente não podem imaginar qualquer objeção possível à própria crença ou a qualquer argumento em seu favor. Obviamente, não se deve tentar escrever um ensaio filosófico defendendo uma crença dessas. Por outro lado, se a assertiva é algo no qual você não pode imaginar que alguém acredite seriamente, então, similarmemente, você encontrará dificuldade em argumentar a seu favor. Assim sendo, defenda assertivas nas quais você acredita com base racional ou cuja crença seja plausível. Algumas vezes a preocupação que se encontra por detrás desta questão é, na realidade, a preocupação que a próxima questão apresenta.

Devo evitar discordar dos pontos de vista do meu professor? Você certamente não necessita argumentar somente a favor das assertivas que seu professor aceita para escrever um bom ensaio. Algumas vezes, os professores discordam sobre qual seja a resposta correta a alguma questão filosófica (alguns, por exemplo, são dualistas quanto à natureza da mente; outros materialistas), no entanto, eles usualmente concordarão quanto à qualidade filosófica de um ensaio. Você necessita defender irrefutavelmente um argumento estruturado com clareza, considerar objeções e respondê-las, a fim de escrever um bom ensaio filosófico, e o seu trabalho será avaliado devidamente. A avaliação do seu ensaio não dependerá da concordância do professor com as assertivas que você sustentou.

Tenho que construir meus próprios argumentos? Ou, quanta originalidade é solicitada de um ensaio filosófico introdutório? Certamente, não se espera de você a construção de seus próprios argumentos sem o auxílio de muitos filósofos que você leu até então. Presumivelmente, você aprendeu muito a partir de leituras, e seus ensaios filosóficos estarão baseados em alguns desses conhecimentos. No entanto, há ainda espaço para alguma originalidade, no modo em que você agencia suas idéias, no modo como você defende suas premissas, e nos exemplos que você dá. Com freqüência, estudantes exercitam sua originalidade em suas escolhas de objeções ou de respostas. Há muitos modos de exercitar certo grau de originalidade ao redigir um ensaio filosófico, sem inventar um argumento totalmente novo para uma assertiva filosófica.

*Devo citar o filósofo sobre o qual estou falando? Você pode citar o filósofo em pauta, mas você deve explicar cada citação. Você não pode mostrar que compreende um filósofo por meio de citação de passagens relevantes, sem as explicar – a final de contas seria inteiramente possível saber qual passagem é correta, e, ainda assim, não ter uma compreensão clara do que ele diz! Geralmente, ensaios filosóficos introdutórios são suficientemente curtos, o que não deixa espaço suficiente para citações e também explicações do objetivo visado, e muitos excelentes ensaios introdutórios não fazem absolutamente uso de citações. Algumas vezes esta pergunta é feita porque o aluno ainda não absorveu suficientemente bem a real natureza de um ensaio filosófico. Algumas vezes os alunos são levados a argumentar da seguinte forma: Descartes aceitou alguma assertiva particular, portanto, tal assertiva é verdadeira, a defesa a favor da premissa de que Descartes aceitou a assertiva sendo alguma citação de Descartes nas *Meditações*. Lembre-se, no entanto, que se espera que seu ensaio defenda uma assertiva filosófica, e o fato de que Descartes (ou qualquer outro) pensou algo, não é, enquanto tal, uma razão para se pensar que é verdade. (Tal tentativa de argumentação comete a falácia de raciocínio chamada de *apelo à autoridade*.)*

Devo utilizar dicionários usuais para esclarecer termos filosóficos ou citá-los em meu ensaio? Não. Dicionários usuais não contêm definições confiáveis da maioria dos termos filosóficos. (Há dicionários especializados que são muito mais fidedignos.) Você pode precisar usar um dicionário usual para compreender outros termos em algumas de suas leituras.

O que fazer se meu primeiro rascunho é demasiadamente curto? Esta pergunta é muito comum. Alguns alunos ainda têm de aprender como desenvolver um ponto. Eles tentam expor uma idéia complicada, sutil, em muito poucas palavras. Algumas vezes você tem de trabalhar gradualmente uma idéia, e algumas vezes você necessita distinguir seu ponto de outros que o leitor poderia pensar que você está levantando. Um modo de ver como e onde você necessita elaborar suas assertivas é colocá-lo de lado por um dia ou dois, a fim de que você o possa ler como se fora escrito por outra pessoa, e, assim, ter uma visão mais clara do que mais necessita ser dito para tornar o conteúdo mais claro e explícito.

O que fazer se meu primeiro rascunho é demasiadamente longo? Retorne ao seu esboço, e assegure-se de que todos os pontos que você levanta em seu rascunho são necessários para seu argumento. Faça o escrutínio de cada parágrafo, ou até mesmo de cada frase, perguntando-se como se enquadram no seu argumento e se realmente são necessários.